

CIDADANIA FEMINISTA EM CADEIA:

*Educação em Direitos Humanos
e Sexualidade no Presídio
Feminino*



Silvia Piedade de Moraes

Pedagoga. Mestre e Doutoranda em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Selita Maria Santos da Costa

Graduanda em Serviço Social pela Universidade de Guarulhos (UNG).

No ano 2000, nos reunimos com um grupo mulheres e fundamos o Centro de Integração da Mulher – CIM, Organização Não-governamental (ONG) de cunho feminista, em Guarulhos - São Paulo. Dos diversos temas trabalhados pela instituição, a educação para igualdade de gênero sempre foi o objetivo mais importante. Dentre os grupos atendidos com atividades informativas, educativas e campanhas de conscientização, as mulheres e as meninas estiveram no centro do processo formador e as temáticas centravam-se na violência sexista, sexualidade, relações de gênero, feminismo, cidadania e direitos humanos.

A realização das atividades na ONG atendeu a diversos segmentos sociais e à diversidade de condições e situações de mulheres e meninas. Grupos específicos e mistos foram atendidos, discutidos, formados e estudados. Mulheres líderes de comunidades, educadoras, empregadas domésticas, profissionais do sexo, mulheres vivendo com HIV, lésbicas e bissexuais, mulheres em situação de pobreza, integrantes de movimentos de moradia e em situação de privação de liberdade (sistema prisional).

A situação das mulheres privadas de liberdade despertou-nos muito interesse. Em 2005, passamos a integrar o Grupo Espírita "Joaquim Alves, Walter Venâncio" que realiza há mais vinte e cinco anos visitas nas penitenciárias de São Paulo. Aos sábados na Penitenciária Feminina de Santana diversos grupos religiosos adentram ao presídio a fim de prestar assistência religiosa e humana às pessoas presas. Amparados pelo Decreto Estadual/SP 44.395/99, os grupos são subordinados à Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) e podem ter acesso a todas as dependências do estabelecimento.

A realidade das mulheres encarceradas e a aproximação diante de seus relatos despertaram-nos ainda mais o ensejo de realizar trabalhos voltados a este segmento, que foi imediatamente acolhido pelas integrantes da ONG. Para almejar este objetivo, nos propomos a escrever um projeto que contemplasse não só o aspecto cognitivo com informações e conteúdos, mas que pudesse promover momentos para a interação social, a afetividade, e a ressignificação das identidades por meio de práticas pedagógicas diferenciadas.

Desejos e necessidades

A RELAÇÃO PROCESSO-PRODUTO NA CONCRETIZAÇÃO DO CURSO

A proposta demandou um grande trabalho de planejamento para a definição da concepção do curso e sua estrutura, considerando as especificidades do segmento e do espaço físico. Já tínhamos uma breve ideia do perfil das reeducandas e suas peculiaridades – geralmente são desconfiadas, com baixa tolerância aos pontos de vistas diversos e com certa dificuldade para estabelecer trabalhos colaborativos. Porém, grande parte das internas desenvolveram ao longo do encarceramento habilidades manuais excelentes.

Esses apontamentos influenciaram de forma significativa a modulação do projeto de curso – atuar nas dificuldades, potencializando as habilidades. Este preceito foi decisivo para a elaboração final da proposta.



O projeto “Cidadania Feminista em Cadeia” realizado no ano de 2011, teve duração de oito meses com dois encontros semanais e atendeu a vinte e cinco mulheres em cumprimento de pena no regime fechado na Penitenciária de Santana – SP. A grade curricular do projeto foi elaborada para executar atividades voltadas aos temas de direitos humanos, cidadania e sexualidade e a confecção de bonecas de pano feitas artesanalmente.

O projeto foi financiado por colaboradores individuais com doações em dinheiro e espécie.

O grupo escolhido pela equipe de funcionários já participavam de outras atividades e isso, constituiu-se para nós como um problema, já que dada a escassez de trabalho e atividades educativas no presídio, tínhamos como objetivo atingir novas mulheres.

Projeto: Cidadania Feminista em Cadeia

CONCEPÇÃO DE DIREITOS HUMANOS

CONFECÇÃO DE BONECAS ARTESANAIS

SAÚDE DA MULHER E SEXUALIDADE

CONFECÇÃO DE BONECAS ARTESANAIS

DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

CONFECÇÃO DE BONECAS ARTESANAIS

CIDANANIA, VIOLÊNCIA, CONFLITOS E DIREITOS

CONFECÇÃO DE BONECAS ARTESANAIS

Cada encontro se configurou por meio de um tema, uma dinâmica de integração, dinâmicas de problematização temáticas e fechamento. Habilidades sobre a importância de ouvir e “saber falar” foram a todo instante retomadas. A experiência nos apontou que a *tolerância à contrariedade* foi a habilidade mais requisitada.

Durante a confecção de bonecas, o grupo pode dialogar ora com um tema, ora de forma livre, apontando as angústias e alegrias do dia a dia, transformando o momento em “terapêutico”. As bonecas confeccionadas tiveram o destino escolhido pelas suas participantes. Algumas doaram as bonecas acompanhadas de cartas para crianças com câncer, com deficiência, vivendo com HIV, etc. e outras entregaram para crianças da família.

Apontamentos sobre a observação in loco

IDENTIDADE EM QUESTÃO

No período das aulas e, sobretudo, nas atividades relacionadas à sexualidade foi perceptível o impacto da privação da liberdade nas relações afetivas, sexuais e no trato com a própria sexualidade. Neste sentido, notou-se que a maioria das mulheres descrevia diversos conflitos afetivos e sexuais; muitas declararam que a vivência de sua sexualidade sempre fora conturbada (violência, abandono, preconceitos) e a privação da liberdade tendia ao agravamento, como altos índices de abandono por seus parceiros, gravidez no cárcere, vivência de experiências homoeróticas, comércio sexual dentro do sistema, ausência de informações e cuidados com o corpo.

Os relatos das participantes mostraram uma gama de situações de vulnerabilidades muito semelhantes entre si que as aproximavam da criminalidade e da violência. Grande parte deste universo de mulheres esteve em conflito com a lei na adolescência. Cumpriram medidas socioeducativas de privação de liberdade ou em meio aberto, demonstrando falha inicial (ambiental, social, interna...), que consolidada estabeleceu um vínculo mais forte com o crime.

Interessante apontar que as identidades de gênero são respeitadas com muita tranquilidade – o uso do nome social já era uma realidade entre as reeducandas.



Vídeo ilustrativo da vida em cadeia

A reincidência é outra nuance marcadora de lugar. Tornar-se conhecida, experiente na “arte de puxar cadeia” vai revelando aos poucos habilidades para lidar com os conflitos do dia a dia e até mesmo como intermediárias entre a carceragem e as mulheres do pavilhão. Algumas mulheres realizavam excelentes mediações de conflitos por motivos diversos (brigas conjugais, roubos, dívidas, fofocas, etc.) e o faziam muito bem, conforme pudemos ouvir em algumas dinâmicas. Pessoas como estas, fortalecem suas identidades no grupo e dentro da “ética do sistema” desenvolvem seu senso de justiça.

O crime cometido e seus desdobramentos também são marcas identitárias geradoras de status ou exclusão. Algumas questões são abominadas, como por exemplo, violência contra a criança, delação (X-9, cagueta, dedo-duro, fura-olho) e outras valorizadas, como a gerência de um ponto de tráfico.

A constituição destas identidades baseadas numa relação subjetiva que qualifica suas internas, também divide o uso de seus espaços. Além do isolamento no RO (reclusão obrigatória) por mau comportamento, há destinos ambientais para psiquiátricos e as que por motivos diversos estão “juradas”. Nestes casos, a compartimentação é o caminho.

Os galpões de trabalho e a biblioteca são espaços de disputa. De acordo, com falas “não intencionais”, quando o presídio está meio que sob o domínio de um crime organizado há um ditame de seus integrantes para estas vagas, tal como um acordo entre ordem-paz e regalias aos participantes. Assim, o projeto se constituía em sua maioria, dessas integrantes.



USOS E COSTUMES

CRIATIVIDADE É TUDO !

Ao longo do projeto tivemos que lidar com problemáticas estranhas e perigosas. O primeiro deles estava no fato de que uma das participantes comentou que uma de nós se parecia com policial, o que provocou um estranhamento no ambiente. A desconstrução dessa ideia levou pelo menos duas semanas, após a agente penitenciária “cantar a bola” e resolvermos o equívoco.

O outro era o constante sumiço de materiais: tesouras, colas, canetinhas e etc., eram constantemente repostos, mesmo com controle mais rígido. Certa vez, soubemos da condição de escambo que os materiais sumidos tinham tomado no pavilhão, já com lista de espera (sic!). Uma vez uma delas nos contou que uma tesourinha virou um rádio. De troca a troca, foi cigarro, selo, roupa, aluguel de lâmpada, rádio e presente para um filho.

Batalhamos para conseguir entrar com materiais do tema de sexualidade e só mais tarde descobrimos seus porquês. Incentivávamos o uso da camisinha feminina e masculina na masturbação e em práticas sexuais. No entanto, nos deparamos com uma criatividade única que respondia aos desejos e necessidades do lugar e das pessoas. O preservativo também servia de “liga” para “o pico”, como se fosse um garrote. O espelhinho que visava olhar a vulva, servia também para observar a vigilância dos agentes no período “de tranca”.

Conhecemos, portanto, outros objetos e seus usos – o cabo de vassoura estende a roupa fora da cela, mas ao quebrar-se ao meio pode ser um instrumento perfurante. O modelo peniano que usamos nas aulas de prevenção causou euforia e por pouco não foi devolvido. Só o recuperamos, depois de sermos gentilmente colocadas em outro lugar e ouvirmos “Se chegar na diretoria, o bicho vai pegar aqui”!

A criatividade está presente em quase tudo. Na forma como transformam roupas amarelas e beges, suas aparências, as unhas e cabelos.

Cuidam também com zelo do espaço. Limpeza para o domingo, dia de visita. Paredes pintadas com temas de comemorações e feriados. A Quadra dividida para receber um parque infantil, demonstra a valorização das visitas das crianças. As celas repletas de tapetes e artesanatos. Frases religiosas coladas nas portas exaltam a paz, o amor e a justiça. O clima não é de medo.

DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO

Para o grupo, a sociedade que afirma que os Direitos Humanos são direitos para a população de desrespeito à dignidade humana e aos Direitos Humanos. Esta discussão ocorreu com “dizem” que faz parte também de um acordo.

Mais polêmica foi uma dinâmica sobre o “salvamento de um grupo de sobreviventes” e as pessoas levar: políticos, condenados, deficientes, pessoas com HIV, idosos, etc. No entanto, algumas questões de justiça foram problematizados.

Há entre as participantes uma ideia que sua condição de encarcerada se deve em grande parte ao arbítrio. Não é raro que se perceba uma criticidade em relação ao Estado e às desigualdades.

Ao final do curso, um relato foi muito comovente. Uma das participantes elucidou que ela se desordenou para chamar atenção da direção. Em contrapartida, algumas participantes do curso e surtiu bom resultado.

Temos a clareza que a habilidade da mediação e do diálogo não foram desenvolvidas tais competências e a boa interação dialógica em grupo.

NOSSOS APRENDIZADOS E CONCLUSÕES

A entrega dos certificados foi emocionante. Temos a convicção que mais importante que o produto, foi o *nosso processo*. Reconhecer-nos como falíveis após ouvir diferentes histórias de vida nos mostra de fato a relação entre as palavras igualdade e equidade.

Sabemos que não produzimos mudanças profundas, mas caminhamos no sentido da reflexão. A maior delas, em nós mesmos.

Com o projeto concluído, o sentimento de inacabamento pediu mais... agora com nossa pesquisas.

população carcerária, não sabe de fato do que se fala. Para elas, o sistema carcerário é repleto de tranquilidade porque no pavilhão de trabalho, a carceragem fica para o lado de fora -

para a construção de um novo mundo". Foram intensos os debates sobre quais tipos de trabalho, a interação pode ser produtiva e os conceitos de equidade e igualdade, democracia e

grande parte da violação de Direitos Humanos que viveram e uma ínfima parcela de seu livre-mercado sociais. Algumas justificam assim, suas entradas no poder paralelo.

E durante um problema com água no pavilhão, um grupo estava planejando uma ação de protesto, mas logo as convenceram a criar uma comissão e solicitar uma reunião. A estratégia foi assertiva

envolvidas inteiramente no curso, mas não desconsideramos que os encontros fortaleceram